



Nota de Apresentação

O arquivo se tornou onipresente em nosso cotidiano com o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas. As transformações na forma como pensamos e manipulamos o arquivo têm também transformado a produção e a crítica literárias, à medida que o arquivo se configura como um espaço privilegiado no qual a literatura renegocia as suas formas e funções. É neste contexto que surge o dossiê “Literatura, Posteridade e Arquivo no Contexto Luso-Brasileiro” da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, reunindo textos que procuram pensar de que maneira as relações entre literatura e arquivo contribuem para examinar a posteridade de um autor e a sua presença nas histórias literárias. De que maneira um escritor lida com a ideia de continuidade de sua obra depois de sua morte? Ou como prepara a sua obra para que ela se perpetue depois de sua morte? O que podemos entender como formas de continuidade de um autor? A temática abrange trabalhos sobre espólios e arquivos literários, relações entre autor e crítica literária, autor e suas formas de lidar com a morte, questões de valor e legitimação de uma obra, estudos sobre a posteridade literária.

O dossiê inicia com um artigo de Jerónimo Pizarro sobre o impacto do processo editorial na publicação da obra de Fernando Pessoa, que estava em grande parte inédita, como se sabe, à data da morte do poeta. O texto discute a importância da intervenção do editor na produção de uma obra, em particular em edições póstumas. Explorando a contradição entre as noções de autor e posteridade, o caso de Pessoa e seu arquivo – provavelmente o mais emblemático do universo de língua portuguesa – é utilizado para pensar o conceito de “obra”, vista aqui como o resultado conjunto do que um autor deixa escrito e o trabalho dos editores, atendendo a um processo de construção contínua e coletiva. O artigo argumenta que cada obra publicada de Pessoa é, na verdade,

produto dos esforços coletivos de seleção, organização, apresentação e tratamento dos textos, o que incentiva o aparecimento constante de novas propostas editoriais.

A complexa relação entre a crítica literária e um autor, tanto em vida como depois da morte dele, é o tema do segundo artigo do dossiê. O texto investiga o descompasso entre a expressiva recepção crítica que a obra do dramaturgo português Gervásio Lobato recebeu em vida, na segunda metade do século XIX, e o subsequente apagamento da importância do seu trabalho a partir da segunda metade do século passado. Claudia Barbieri vai buscar no espólio, que se encontra no Museu Nacional do Teatro e da Dança, em Lisboa, algumas possíveis explicações, que nos deixam entrever como as condições materiais de uma obra podem ser determinantes para a sua perpetuação.

Já no artigo sobre a escritora brasileira Hilda Hilst acompanhamos, curiosamente, um movimento contrário ao que se lê no artigo anterior sobre a obra de Gervásio Lobato. Victor André Pinheiro Cantuário nos mostra como Hilst, que dizia não ter interesse em saber quem a lia, na verdade se revelou muitas vezes insatisfeita com o seu pequeno número de leitores, acusando a crítica de injustamente caracterizá-la como uma escritora hermética e denunciando ter a obra mal distribuída por seus editores, o que a tornava muitas vezes inacessível. O artigo analisa como várias iniciativas, dentre as quais a compra de parte do arquivo da autora pela Unicamp e a publicação da obra completa pela Editora Globo, contribuíram para reacender o interesse por sua obra, impulsionando para que fosse amplamente conhecida e reconhecida depois de sua morte.

Se os dois artigos anteriores se dedicam a pensar na dimensão documental do arquivo, o artigo seguinte investiga como as dinâmicas conceituais do arquivo permitem refletir sobre diferentes aspectos de uma obra. Neste caso, Rodrigo Valverde Denubila explora o caráter arquivístico e inventariante da ficção de Agustina Bessa-Luís, afiliando-a à ideia de romance enciclopédico proposta por Italo Calvino. Argumenta-se que as contínuas perguntas, as verdades relativas e a ambiguidade constroem uma obra que vive da impossibilidade de fechamento absoluto, inventariando continuamente elementos da cultura e da história portuguesas, de fatos e figuras históricas a objetos e monumentos. O ímpeto arquivístico fomenta, assim, o grande mosaico do *ser português* apresentado pelo romance agustiniano.

Encerrando o dossiê, Agustina Bessa-Luís é novamente convocada, desta vez como autora dos diálogos de *Visita ou memórias e confissões*, o filme-testamento do cineasta português Manoel de Oliveira. Fernanda Barini Camargo dedica grande parte do artigo a analisar este filme realizado nos anos 1980 com o intuito de ser exibido apenas depois da morte do autor, permanecendo guardado nos cofres da Cinemateca Portuguesa por mais de três décadas. A programada exibição póstuma de uma película autobiográfica, que se passa na casa onde o cineasta viveu durante quarenta anos, é examinada tendo como mote as representações da casa no cinema de Oliveira. As memórias do espaço doméstico são ainda perscrutadas nos filmes *O velho do Restelo* e *Porto da minha infância*, explorando a ideia da representação da casa como “abrigo da identidade” e, por isso, como um dos aspectos essenciais da forma como o autor lida com a questão da posterioridade de sua obra.

Compondo a seção *Varia*, os artigos de Deivis Jhones Garlet e de Rogério Caetano de Almeida abordam diferentes aspectos do narrador. O primeiro trata da função dialógica-dialética do narrador nos romances de Saramago, enquanto o segundo reflete sobre a noção do absurdo no narrador-personagem de *A máquina de fazer espanhóis*, do luso-angolano Valter Hugo Mãe. Já Felipe dos Santos Matias, por sua vez, estuda o Santo Ofício português e busca em Alexandre Herculano uma visão crítica a respeito da institucionalização do tribunal de inquisição no Reino Lusitano.

Na seção *Resenhas*, contamos com a apreciação de Mariana Pereira Guida sobre o ensaísmo de Silvina Rodrigues Lopes em *A anomalia poética* (2019). Pereira Guida aponta traços fundamentais do texto de Lopes, convocando nossa atenção ao aspecto desajustado, estranho e monstruoso dos ensaios que compõem a coletânea. *A anomalia poética* coloca em jogo, sobremaneira, segundo Guida, a “inquietação do pensamento” suscitada pela escolha estilística de Silvina Rodrigues Lopes pela “dissonância, pelo desvio, pela quebra, pela diferença”.

Já Guilherme Gontijo Flores escreve suas “breves notas para um só lado do dínamo” em torno de *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), da portuguesa Patrícia Lino, reiterando a potência criativa e laboral da professora-escritora-crítica-ensaísta que, através da “obsessão pelo procedimento” e da “potência do sarcasmo”, aponta de maneira lúdica e lúcida a necessidade de se estar poeticamente em um mundo no qual vê-se ainda, à ronda, o fantasma

da “nova normalização do discurso homofóbico, racista, machista, negacionista, anti-intelectualista, anticientificista”.

Nuno Ribeiro resenha a edição de Richard Zenith e Fernando Cabral Martins para os ensaios e textos críticos do outro Fernando – o Pessoa – intitulada *O caso mental português* (2020). Ribeiro destaca a organização cronológica e a divisão do livro em duas partes: os textos publicados em vida e os textos póstumos, que emolduram o pensamento de Fernando Pessoa acerca do psiquismo português, possibilitando ao leitor a construção de um diagnóstico sobre temas caros ao poeta, como provincianismo, cosmopolitismo e potencialidade cultural.

A última resenha é assinada por Jorge Vicente Valentim, e se debruça sobre o *Pequeno Dicionário privativo seguido de um punhado de areia* (2017), de Albano Martins. Valentim ressalta o caráter afetivo dos “pequenos poemas em prosa”, sem deixar de fora o aspecto reflexivo dos “verbetes”. Sobressai-se neste aspecto a consciência exacerbada da inexorabilidade do tempo e, talvez por isso, destacam-se os poemas pela celebração de um presente que precisa ser vivido, experienciado, e até mesmo morrido, sem que se abra mão da poesia e sua multifacetada possibilidade de criar mundos possíveis.

Desejamos que esta edição da *Revista do CESP* contribua para promover novos diálogos, encontros, olhares sobre o amplo campo das relações entre literatura e arquivo, memória e posteridade, que encontra um amplo e fecundo espaço a ser explorado nas literaturas de língua portuguesa. Que os artigos reunidos a seguir motivem várias experiências de leitura, e que daí possam resultar novas formas de entretecer os textos literários e criar conexões diversas.

Manaíra Aires Athayde (Stanford University/CLP)
Raquel dos Santos Madanêlo Souza (UFMG)
Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier (UFRJ)